

O HOMEM
DO PÔR
DO SOL

Antenor Antônio

O HOMEM
DO PÔR
DO SOL

1ª Edição

São Carlos / SP

EDITORA DE CASTRO

2018



Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves

Projeto gráfico, arte e capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Revisão de texto: Mayra Berto Massuda

Fotos: Antenor A. G. Filho, Carlos H. C. Gonçalves, José M. C. Gonçalves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB - 7/6971

A635 Antônio, Antenor.
O homem do pôr do sol / Antenor Antônio. – São Carlos :
Editora De Castro, 2018.
194 p. ; 18 cm.

ISBN 978-85-92788-09-4

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

Todos os direitos desta edição reservados à **Editora De Castro**.

A reprodução não autorizada desta publicação,
no todo ou em parte, constitui violação dos
direitos autorais (Lei nº 9.610).

16 2106-9415

decastro@editoradecastro.com.br

editoradecastro.com.br

semeartecnologia.com.br

SUMÁRIO

Advertência

7

O homem do pôr do sol

11

O homem do pôr do sol -
uma quase biografia

157

Ensaio
fotográfico

171

ADVERTÊNCIA

Este é um livro escrito para ninguém. Melhor, um livro escrito para mim mesmo. Tenho um amigo poeta, meu superego, vaidoso em questões de amor – essa doce peste, responsável pela construção de cidades – faço um destaque, motéis – e de civilizações – outro, guerras.

Há deuses de mãos invisíveis à sombra, no controle de nossos passos por meio de uma varinha mágica, o aparecer do fantástico instrumento de controle social – a ideologia, custo zero para o poder ao dispensar canhões e baionetas de soldados desconhecidos e iludidos. Não vou enveredar por esse estudo da sociedade encarcerada em suas fantasias, inúteis ou não. Vou tentar caminhar ao lado dessa encrenca, vou me propor ser simples e reto, feito linhas paralelas em direção ao infinito. Um livro escrito para mim mesmo tem o retrato de um homem que sofreu “um pé na bunda” de uma mulher que ele amou por anos – o que acontece com muita gente, mas agora é comigo –, terrível desencanto de um abandono, um homem envelhecido ainda vivendo as sobras de restos de humanidade dentro de si – o pôr do sol, último debruçar no abismo infinito.

É isso, tão simples.

O HOMEM DO
PÔR DO SOL

Começo minha fala ao apresentar um pequeno poema do meu amigo Superego. Juro que é para começar a esquentar as patas do cavalo branco e manco, sinalizar um pouco o perfil do homem que deseja invadir sorrateiramente o território sagrado de sua vida, na aceitação e consagração desse filósofo metido, como o fez Napoleão ao ultrapassar os montes Pirineus.

O poema é esse:

A tarde desce
A tarde desce?
Na verdade sou eu que desço porque os astrônomos
Ensinaram que o sol não desce
Ele é fixo no centro de seu universo.

E eu sou fixo?
Não.
Eu não tenho um universo particular
Tenho apenas a saudade da mulher
A solidão de mármore de minha ausência
E ela não fala
Tem a compaixão em si
Em si bemol
O mesmo que o sol.

1

Já dei uma indicação, a minha fala tem um fio central: a narrativa sobre o pôr do sol ao controle do novelo da vovó,

que me protege de ficar enredado nos labirintos escuros de seu interior e, ao mesmo tempo, ficar de olho, como faz a vovó, na pata da gatinha dorminhoca que pode jogar o novelo ao chão. Esse fio é, pois, o sol, que aparece como força simbólica – metáfora da vida, segundo um homem que vê o fim se aproximar e se agarra a um discurso de prestação de contas que o levou a apostar em uma catarse dos enganos cometidos: medos, incertezas, sombras...

Uma mulher, desenredada para a escrita literária, surge na contramão dessas miúdas grandezas e misérias. Depois do desenlace amoroso, ela dialoga comigo ao pôr do sol, porque o sol tem silêncios que fazem ruídos em nossos ouvidos.

Tenho um receio: minha fala emudecer no começo. Protejo o leitor dessas obras à moda de Ulisses de Joyce, ou de *Guerra e Paz* de Tolstoi, que se estendem por mil páginas. Minha fala tem voo de pássaro saracura, sempre ao rés do chão. O que me protege é dizer que o infinito mora no começo, ele está sempre – digo e redigo – ele está sempre no começo. Não acaba. Alguém já viu um infinito que acaba? Por sua vez, diria que o aqui é longe.

Vamos então à fala, com a sua licença, que não cala.

*P.S.: Quero dizer o que eu quero dizer,
não o que a palavra me força a dizer.
A palavra é um exercício de liberdade,
mas é também nosso cárcere.*

O pôr do sol tem silêncios que fazem ruídos em meu ouvido. Experimento a solidão de mármore de minha ausência.

Criei o hábito de, quase toda tarde, contemplar o pôr do sol. Tenho a sensação de participar de um teatro absurdo e sombrio do adeus.

Ele vai para o seu abismo infinito, onde não há um guarda-chaves mudando a sua trajetória, nem cantos gregorianos a agradecer a luz que nos iluminou. Também o sol é indiferente a loas e broas, e nós nem pensamos na possibilidade trágica de sua falta.

Na Terra, a nave-não.

Em algum lugar, alguns se matam

Descobrimo que não vale a pena a pena.

O jovem guerreiro deixou seu grito que o infinito engoliu.

Onde?

Isso em algum lugar.

Tento compor um poema em algum lugar

Mas o lugar do poema é sem lugar

Nesse campo branco, ele é o desatino de um signo vazio.

Em algum lugar uma rainha visita a latrina

E aspira democraticamente o cheiro de nossa miséria.

Pássaros morrem no fio do poste em algum lugar,

Crianças choram, riem, outras têm fome em algum lugar

É tão cruel esse em algum lugar.

Quem dera o olhar frio do carrasco se
apague em algum lugar
Em algum lugar sem lugar, no sentimento,
meu pensamento se feche
Às dores do mundo.
Me lembro
Apesar de tudo em algum lugar
Minha mãe cantava.

*Para o filósofo francês Merleau Ponty todos nós vivemos
mergulhados no cerne perceptivo do humano que não se
reduz à consciência pura ou privada.*

3

Mulher, o sol de hoje encompridou-se um pouco mais,
pequenas nuvens davam a sensação de uma tarde lenta, morta.
Pássaros em bando retornam a seus ninhos, assim como o sol.
Havia pinturas de Van Gogh no céu. Pela janela, enquanto
contemplo o sol se indo, registro minha fala.

Você me abandonou e não tem como fugir de mim,
nem eu de você, porque sei de seus segredos, de seus medos e
até da calcinha vermelha que usava naquela noite verde.

Eu sei da data e dos lábios molhados que fingiram ter
bebido um copo de chope – a mentira tão bem urdida na hora
do tesão, e o disfarce no olhar de cadela no cio.

E sei de muita coisa, quando você dizia que me amava
abrindo as pernas e olhando para o teto do quarto, deixava que

eu a penetrasse em seu abismo de fogo. E sei ainda do desenho de suas ancas brancas se requebrando por cima de mim fazendo cócegas em meu pescoço, me virando pelo avesso.

Uma mulher, em suas sombras, oculta cores, e dizer que sei de seus segredos é o contrário do sábio que não é. Pousar a mão sobre a vagina foi... foi o único segredo que posso dizer que sei. Mais eu não sei, sobretudo tudo.

Senti que amei. Leio uma passagem de um livro escrito por Nietzsche quando fala: “[...] a mulher quer acreditar que o amor pode tudo: tal é sua crença própria. Mas qual! Aquele que conhece o coração adivinha o quanto o amor, mesmo o melhor, mesmo o mais profundo, é pobre, tolo, desamparado, presunçoso, canhestro, bem mais apto a destruir do que salvar”.

A fala de Nietzsche não foi escrita como uma ladainha para se desacreditar a condição afetiva do homem. É mais uma fala para sombrear o território movediço do saber amoroso. Ninguém escreve sobre o amor senão para falar de si mesmo e de sua derrota.

Minha fala anuncia a minha derrota e não posso garantir que ela ajude alguém ao menos a se consolar pelo que se deu com o parceiro em ruína amorosa. O mercado editorial acolhe um sem número de livros que tratam desses fracassos, ou, como chamam, experiências individuais relatadas nos consultórios de análise psicológica, cuja função é ajudar o homem comum a se safar de sua encrenca afetiva. Besteira. Experiência individual não se transfere para ninguém. Quanto muito pinta o retrato de nossa miséria. E como resultado prático: dinheiro para a sobrevivência do psicólogo e alívio para as editoras endividadas.

Não se apavore, Mulher, com essa fala. Mesmo assim há coisas para se admirar no homem. Sobretudo quando você vê em estado de embriaguez o olhar iluminado de uma *femme* enternecida pelo olhar do amante. Eles vivem de passagem, como a maioria de nós, um instante da eternidade, mas que passa, como tudo. Eles não leem relatos dos fracassos amorosos. Seriam ridículos se assim o fizessem. Li certa vez em um escrito em um mural da cidade o seguinte – estava escrito no mural –: a imortalidade é mortal.

Escrevi um poema meio amargo assim:

Ele chegou de repente -
Porque eu estava distraído
Invadiu meu jardim
Pisou na minha grama
Entrou na minha casa
Deitou na minha cama
Penetrou no abismo de fogo de minha companheira
Tomou banho no meu chuveiro
Enxugou seu corpo e o dela com a toalha branca
Que também um dia, por ser minha,
enxugou meu corpo
Em sua vagina limpinha deu-lhe um beijo
Ao final bebeu de meu vinho do Porto – meu predileto
Foi embora e deixou escrito um recado de gelo:
Ajude Sísifo – até o fim dos tempos – a carregar a pedra.
É proibido chorar.
Não seja ridículo.

Experimento a solidão de mármore de minha ausência.

O discurso de amor é, normalmente, um envelope liso colado à Imagem, uma luva macia que rodeia o ser amado. É um discurso devoto, cheio de bons sentimentos. Quando a Imagem se altera dilacera-se a capa da devoção; um tremor modifica a minha própria linguagem.

Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*

4

Você, Mulher, me pede para justificar essa fala pessimista de Nietzsche. Penso que, sobre o tema amor, nada se justifica. Lê-se distraidamente, o olhar cheio de neblinas cinzas incumbe seu registro, sem réplica, sem tréplica. Não sei se estou certo – porque a todo momento fico me justificando. É a traição da palavra, sua delinquência.

Prefiro uma saída simples, dizer que o homem é um bicho de quatro patas: duas servem para ficar em pé, andar e cumprir práticas de futebol – um chute na trave e na canela do outro, e ainda devolver a bola ao filho do vizinho; as outras duas, as mãos, têm muito mais serventia. Vejamos, ao lado e do outro lado do mundo, matar, carregar uma criança ferida no colo, um abraço ao amor da vida, acenar um adeus, acariciar o rosto da mulher eleita, os seios com óleos nos dedos umedecidos, untar, tocar a vagina com o sêmen nos pelos em plumas, e um tapa de amor na bunda dela dar.

Depois, as mãos em forma de reza, cantar uma fala doce de mel de laranjeira. E, nesse momento, até mesmo Deus eu salvaria. Também o homem é um animal muito exato, nunca soube que a lógica não tem lógica, que dois mais dois podem não dar quatro e dar cinco na hipotenusa do quadro negro do amor.

No amor, ele se ferra sempre. Para disfarçar a dor do fora zero, se lança em viagens malucas à busca de um homem ausente dele mesmo.

Quando os olhos dos outros o nomeiam, ele se apavora e deixa crescer a barba, o bigode – a única máscara que ele pode estampar, cantar de grande... de melhor dos homens.

Em um castelo de espelhos é onde o homem deveria morar e não sair dele, e como a maioria não tem esse castelo, sua vida é correr atrás dos cacos dos espelhos partidos.

Penso que foi Lacan que falou a uma plateia induzida: o amor é narcísico, e o que a gente procura no outro é a própria imagem.

Vamos ler isso?

Platão já havia, por certo, visto o amor como um anseio pela posse permanente do bem. Mas Freud sabe que por melhor que nossos objetos de amor correspondem a esse anseio, ele é insaciável. A própria essência do amor é fracassar. A posse permanente do que desejamos, ou do que consideramos ser um grande bem, é impossível. Esta é a natureza trágica do amor.

Simon May, em *Amor – uma história*

– Você não dá nenhuma chance para o discurso do amor, porém toda humanidade fala sobre o amor como a salvação dos nossos males. Veja, a civilização existe por causa do amor.

– Sim, é certo. Convenhamos, no entanto, que grande parte da humanidade, em nome do amor, cometeu muitos crimes. É difícil levar a sério a presença de um Deus do amor, contraditoriamente sem compaixão, que levou seu próprio filho à morte para dirimir o homem de um pecado que não se sabe por qual motivo o cometeu. Eu sei que quando estou triste por um motivo oculto, sinto que carrego nos ombros minha própria solidão, mas não sinto que carrego uma culpa. Posso me livrar dela. E o pecado?

O homem deveria viver corcunda, abatido pelo sentimento precário de sua existência, pagar um eterno tributo para salvar sua alma sombria nascida nas sombras dos descaminhos de igrejas institucionalizadas, elas próprias pecadoras. Em nome – isto sim – da salvação da miséria, da fome, elaborou-se uma ideologia perversa do bem para justificar os piores crimes cometidos contra o próprio homem. Quando seria mais simples dizer que essa ideologia do bem acobertava a mais acirrada luta pelo domínio da propriedade da terra, da comida, do espaço.

Os cristãos na Idade Média, induzidos pelos seus chefes espirituais, partiram para uma guerra estúpida (há guerras não estúpidas?) na conquista da chamada cidade sagrada de Jerusalém. Mentira, a propriedade e a comida estavam em jogo

para os latifundiários da terra frente aos árabes que dominaram por mais de oito séculos o Ocidente.

Desculpe, eu estou caindo em um lugar comum já muito dito e redito. Falar do amor é abrir espaço para muitas linguagens, entrar em uma Torre de Babel em que os discursos não se sintonizam facilmente. Há coisas boas em muitas falas, sobretudo quando elas revelam para nós nossas contradições circunscritas às relações amorosas, nossa precariedade. É preciso não temer nossa fragilidade discursiva quando queremos entrar nesse território repleto de nuances sombrias e cuja linguagem tenta dar conta, e no entanto, mais esconde que revela.

O discurso amoroso tem muitas faces nas quais duas predominam: primeiro, o imaginário indelével amoroso sem crítica (discurso motivacional) animando e dando suporte à nossa fala; segundo, um discurso cuja arrogância filosófica (psicológica), ao falar que o homem tem cura desde que desconfie do amor antes de seguir suas receitas.

E é nesse momento da fala que a gente se enrosca. Na lambança discursiva falta um distanciamento das bases teóricas em voga – a psicologia, a biologia, a antropologia, a fisiologia, a filosofia *et cetera* – todas com contribuições criativas sobre esse ser estranho dito homem, margeando, no entanto, fragmentos que dificultam o alcance de uma visão mais simples e unitária da imagem humana que somos. Somos proibidos de exercer a liberdade do olhar, do ver. Muitos psicólogos se apresentam diante de seu público como sábios da alma humana que tudo explicam sem nada compreender. Sem perceber, somos

simples consumidores de teorias arrogantes que surgem como remédios baratos para o cidadão comum usufruir do benefício de um conhecimento exemplar, que mais encobre que revela.

O mundo ficou sem a palavra pensante e sem os seus adoradores. Elas foram decompostas, devassadas, invadidas, tornadas concretas, retas. Rolaram pelo chão, deixaram de ser signos em voo. Deixaram de ser matéria do mito, da utopia, dos sonhos. Desconstruíram a palavra. A linguagem sofre duros ataques no chamado enfoque sistêmico de seus críticos. Ela está em um cárcere privado que nos impede de falar.

Negras andorinhas em tarde de verão: para o gato, elas são comestíveis, para a empregada doméstica elas sujaram o pátio, para os poetas são signos que voam, elegia no espaço.

A corrida no corredor da casa antiga
Muitas vezes eu perdi
É que eu parava para ver
A luz que invadia pela fresta da janela.
Por meio do sol a iluminar o mundo
Imaginava que Deus queria me ver
Mas o escuro vencia sempre
Quando meus pais fechavam a janela.

6

– Ontem você me dizia que sua mania, assim como a minha, de tirar fotos do pôr do sol a estava cansando, porque

o sol acolhe a mensagem simbólica de um adeus, e esse adeus sempre volta no dia de amanhã como se fosse – em uma ladainha religiosa em eterno retorno – para nos dirimir de uma culpa.

– Por isso, Mulher, contemplar um pôr do sol evoca mais melancolia que alegria. Podemos mudar? Acordar cedo para ver um alvorecer do sol, e notar que o sol, nesse momento, nos faz despertar para a vida do dia-dia. E nesse caso, se você não está com dor de barriga, existe mais presença da alegria do que da melancolia. A questão é que o pôr do sol, feito uma moldura de um quadro de arte, tem sempre sinalizando, no fundo, tons mais escuros. E é esse tom sombrio, como em uma pintura de Rembrandt, que sustenta o brilho de um rosto e que faz a narrativa de uma solidão – nossa precária existência. Eis a triste vantagem do pôr do sol...

Eu sou o vigilante de meus sonhos... um frágil vigilante
que perdeu as chaves da porta.
Agora preciso quebrar a porta
Mas a porta não é de madeira
Não é de vidro
De pedra Ela é invisível.
A porta existe como extensão de um espaço
São signos que circulam na memória e
na paisagem das nuvens.
Meu pensamento circula nas asas da memória
A memória circula nas asas do pensamento.
Há infinitos gritos contidos na angústia de
uma alma que pode ser minha

Ninguém confirma esse pensamento de
uma alma que pode ser minha.
Sei que a angústia existe... ela está guardada no
rosto da estátua de pedra na praça.
E há praças que têm nome que o tempo não consome...
apenas consome o olhar do vigilante que
sou eu mesmo... um nome.
Eu sou não mais que isso, o vigilante de meus sonhos...
um frágil vigilante que perdeu a chave da porta.

Há um lugar para o poeta?
Poetas existem?
Se não existem e se não são reais, por que insistir?

As notícias do mundo são as guerras, os partidos
políticos, partidos
A insensatez do rei o gordo empresário que emagreceu
além das contas
E perdeu na bolsa e, mesmo assim, não sofreu o sabor
fedido da pobreza
Os donos do palácio que se embriagam no vinho doce
do poder e não sabem do
Cálice amargo oferecido a milhões...

Há um lugar para o poeta?
Penso que não, porque ele mesmo roubou seu lugar e
se exilou nos caminhos
Repletos de setas invertidas e que resultam em
um discurso de bêbados vivendo

A presunção de serem os melhores.
As massas silenciosas procuram pão, os jovens,
a diversão, os críticos de arte
Procuram emprego, inventam uma linguagem
que explica a confusão
Que eles mesmos criaram e que os alienam e
os consolam.

Mas há um lugar para o poeta
Recolhido no cárcere privado de sua
linguagem em asas

Desencanto do mundo.

7

Falei de solidão e você se espantou com o meu tom azedo e áspero de se expressar. Sobre a solidão, não é possível um tom suave da fala. Ela é, em síntese, a que melhor expressa nossa derrota. Ninguém escapa, a qualquer momento, de encará-la. Ela mora no fundo do fogo frio que queima, basta olhar para o rosto seco de um homem que perdeu seus sonhos, as ilusões do mundo. Simbolicamente, o nosso Criador nunca teve compaixão de sua criatura, por isso já está instalado em nós, como nódoa, conflitos dos mais variados, subjacentes no interior cotidiano da família, no confronto de grupos e nas guerras nacionais. O que mascara a nossa solidão é a

presença das indústrias do prazer que nos protegem sob as luzes ofuscantes da loucura.

Não é possível revoltar-se contra o vento quando ela disse ao namorado que era difícil voltar atrás na declaração de uma amizade traída. A solidão expôs, sem licença, sua ironia fatal.

Há sons de sinos que dobram as dores do mundo, mas nada dizem do lamento do vento que sumiu nas sombras dos bosques e dos campos que um dia foram verdes.

O rio do esquecimento passa todos os dias... no vento.

No quarto vazio, o silêncio me olha
Não me indisponho contra ele
O silêncio é muito poderoso
Sei de minhas frágeis forças testadas em
caminhos de pedra
Com a derrota e com o prêmio ao meu vencedor
No quarto vazio, o silêncio me olha.

Silêncio, vem refugiar-se comigo
Sem tormento.

Lá fora passa o vento.

8

Teu corpo nu envolto nas nuvens sonhei, era um sonho guardado. Havia flores nos cabelos, um ar de nostalgia. Mulher, você é melancolia.

Era um sonho meu, faz tempo que se perdeu.

E aí vem a fala de um fato seco, cruel.

– Ela saiu em uma tarde de domingo muito bonita, não disse ao marido aonde ia e voltou mais tarde com o rosto deslumbrado, como se tivesse curtido um longo feriado de amor.

Segundo os padrões da antiga e sobrevida moral, estava preparado o cenário da traição amorosa. Ele não podia admitir que uma esposa bonita e prendada, originária de um casamento de longos anos, se arruinava.

Perguntava pra si, como posso dormir com uma mulher que, em uma tarde de domingo, fez carícias de amor com outro homem – que também era casado – mas que sabia cantar.

A separação se deu de modo irreversível. Ele e ela combinaram não revelar para os parentes os motivos da separação. Tudo ficou por conta do homem traído, que iria fazer grandes viagens para servir aos Médicos sem Fronteira, e ela, livre para se entregar ao novo amor, longe de um olhar que mata.

É a história que se repete, estava escrito em uma folha de papel amarrotado jogada ao chão de um quarto escuro.

Somos os inconcebíveis herdeiros de um nada.

Para desenhar o perfil de um homem

Foi criado um Deus – nosso pai

Que eternamente se esconde

Onde?

As luzes iluminam horizontes intermináveis

O infinito apenas começa ali.

O Aqui tem correntes de aço a prender nossos braços
Como com Prometeu.
Ser criança é a ilusão de um dia
Pular o muro, mentir e traír alguém
Roubar fruta do conde
E dizer que foi o vizinho.

9

E a mulher insiste, em seus pores de sol, saber por que esse tom de fala mansa desenha uma metáfora triste de um homem traído.

Isso talvez porque eu queira salvar, não o casamento, mas o amor. É difícil traduzir em palavras esse tipo de sentimento. No fundo não queria explicações do inexplicável, mas usar de palavras chulas e mandar tudo à puta que pariu.

Chorar em silêncio.

Me sinto um cão sem plumas sob a chuva, latido rouco apelando por um abrigo. Os olhos procuram por aquela que o deixou, substituído por um cão de plumas. O tempo, matéria bruta, parou em um fim improvável. O cão sem plumas se consome em uma rua sem saída, onde não existe o Onde e nem ela, responsável pelo seu abandono. É proibido, segundo posturas municipais, abandonar animais.

Vai cagar, cão sem plumas.

Há um céu de estrelas na solidão da noite. Foi lido: eu escuto o silêncio no meu ouvido.

Foi também lido
Eu espanto o silêncio
De meu ouvido.

10

Quero manter o rumo de um discurso amoroso. A gente se perde sempre e fica poetizando sobre o insondável. É provável, aqui, que possamos segurar o barco à deriva, segurar-se à linguagem da poesia, livre dos enfoques sistêmicos sobre o amor.

Mulher, eu não culpo você, eu defendo o amor. Eu tive momentos de franca entrega ao desespero por perder a companheira que me fazia muito bem. Hoje percebo que fui um homem ridículo ao tentar recuperar o que se diluiu no nada, zero das relações afetivas, algo que não tem mais retorno. Eu fui um homem vaidoso que, na sala do conforto de seu machismo, se sentiu ferido em seu orgulho estúpido e melancólico. Me questiono até hoje:

Onde se escondeu o homem metido a filósofo que tudo compreende? Onde ele prefere ser ferido a ferir? Ser entristecido a entristecer? Ser magoado a magoar? Onde estava o homem que sempre dizia que ninguém ama ninguém, mas que o que amamos é a vida? Se um dia amei intensamente a vida, foi porque você, com seu sexo de fogo e sua presença ativa, me fez gostar mais de mim, a me descobrir melhor.

Aqui entra o componente ciúmes, um ato que nada tem a ver com o amor, mas com a nossa condição animal, que

procura lutar por aquilo que admite ter tomado posse. E a vida nos ensina que ninguém é de ninguém, apenas por instantes nos cercamos de garantias institucionais, legais e morais, que se esboroam quase sempre. Se um conflito rompe a garantia de uma união, e essa união permanece, como nas maiorias das vezes, é mais pelo medo do estar só, da solidão. E nesse caso, é preferível fingir que está junto e manter a aparência de estar perto.

Mulher, eu te perdoo por me abandonares em nome de outro. Sou mau mesmo assim, mesmo porque um perdão faz muito mal a quem é perdoado. Me transformei em vítima do “destino”, que vai incomodá-la para sempre ferindo sua liberdade de ser mulher. Você vai ter sempre pequenos incômodos inerentes ao prazer de viver, porque a imagem fantasma da culpa vai incomodar e você vai, afinal, perceber que as ações de ser livre não passam de uma prisão, mesmo sem um carcereiro. Lutamos todos nós por um carcereiro camarada, não corrompido pela burocracia do dever cego, mas ele não falta ao serviço e quando ele falta, rompemos apenas por um momento as grades que nos prendem aos nossos próprios grilhões. A amada liberdade sobrevive por pouco tempo, porque precisamos prestar contas ao Grande Chefe.

No quarto, uma cadeira antiga
A cadeira serve de cabide para um paletó antigo
O silêncio repousa na cama antiga
Há memórias guardadas no armário antigo
Sob a cama, um par de chinelos espera pelo seu dono

Mãos distantes no cenário antigo
Para o meu antigo sono
Antigo agora para o meu abandono.

11

Um tiquinho a mais sobre o problema da liberdade. Porque você, Mulher, me provocou ao insistir nisso. Lembrava de sua prisão na juventude quando seu pai assumia o papel de carcereiro cruel, sempre de tocaia limitando espaços de liberdade, o que a tornava uma criatura medrosa, incapaz de fazer escolhas, brincar de namoro, sonhar pelo seu futuro.

“Agora o amante, o marido como empecilho de suas fantasias amorosas, de seu encantamento por uma vida nova, diferente. O pai é reproduzido no marido. A mulher, ardendo em paixão, não recua de seu objetivo. Quero viver, não mais dissimular, explode coração para uma aventura plena de felicidade. O marido pode ser um homem bom, carinhoso, mas ele reproduz – apenas na sua presença e no seu silêncio – o olhar assassino do pai.”

E viva a liberdade.

Mas pense e escute, a liberdade tem um ódio inadmissível da liberdade. Essa é a questão penumbrosa.

Por qual motivo temos de falar, escrever e gritar por ela? O passarinho, em seu voo, festeja liberdade.